

DUAS POSIÇÕES DE VOLTAIRE SOBRE A HISTÓRIA

*Edmilson Menezes**

(Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Sergipe)

Em Voltaire encontram-se duas posições bastante nítidas quanto à história: primeiro, vislumbra-se um ângulo explicitamente consagrado à crítica do discurso histórico; segundo, um aspecto ligado à visão da humanidade integrada ao seu progresso¹. Àquele ângulo, está associada uma transformação empreendida no âmbito, digamos, epistemológico da história: ao historiador é exigida uma nova postura, isto é, o abandono do relato crédulo e, em consequência, a adesão a um método crítico. Ele retém apenas os elementos úteis à compreensão da sucessão humana no tempo, em vista da maior autonomia frente ao misterioso passado – a ser abandonado. Para tanto, deve munir-se de outra postura, mais pragmática e objetiva:

Exige-se dos historiadores modernos mais detalhes, fatos constatáveis, datas precisas, autoridades, atenção aos usos, às leis, aos costumes, ao comércio, às finanças, à agricultura, à população [...] Atualmente é mais cômodo fazer compilação de jornais, do que escrever a história².

* Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe/Brasil, onde também atua no Programa de Pós-graduação em Filosofia. É pesquisador do CNPq/Brasil. Endereço eletrônico: ed.menezes@uol.com.br. Endereço para Correspondência: Rua F, n.º 120, casa 24. Condomínio Laguna Ville Bairro Aruana – Zona de Expansão CEP: 49000795 Aracaju-SE BRASIL

¹ Cf. CRÉPON, M., “La Double Philosophie de l’Histoire de Voltaire”, in: BINOCHÉ, B.; TINLAND, F. (Org.), *Sens du Devenir et Pensée de l’Histoire au Temps des Lumières*, Seyssel: Champ Vallon, 2000, p. 76.

² VOLTAIRE, Article “Histoire”. Dictionnaire Philosophique, in: *Œuvres Complètes* (vol. 20), Paris: Garnier Frères, 1879.

A nova atitude afasta o historiador das descrições e coletâneas orna-
das, para aproximá-lo das informações sobre o direito das nações, sobre
os principais códices dessas nações, sobre seus usos e costumes e suas
variações.

Ao segundo aspecto, corresponde um interesse pela humanidade e por
seu desenvolvimento. Aqui, encontra-se o princípio que orienta o emprego
do método histórico: “Eu estou satisfeito que minhas pequenas reflexões
sobre a história não o tenham decepcionado,” escreve Voltaire a Vernet,

preocupei-me em colocar essas ideias em prática num Ensaio sobre a
História universal depois de Carlos Magno. Parece-me que até o
momento a história foi considerada como compilações cronológicas;
ela não foi escrita nem *en citoyen*, nem *en philosophe*. De que importa
estar seguro de que Adaloaldo sucedeu o rei Agilulf em 616, de que
servem as anedotas sobre sua corte? É bom que esses nomes estejam
escritos nos registros empoeirados do tempo, para consultá-los, talvez,
uma vez na vida; mas, que miséria fazer um estudo daquilo que não
pode nem instruir, nem agradar, nem tornar melhor! Empenhei-me em
fazer, o quanto pude, a história dos costumes, das ciências, das leis,
dos usos, das superstições. Quase só vejo história de reis; quero aquela
dos homens [...]³.

A história concebida pelo autor do *Essai sur les Mœurs* compreende
um método e um princípio diretor que se acordam à investigação acerca
da marcha da humanidade, retirando desse fecundo terreno o fruto pro-
veitoso para os próprios homens, ao instruí-los, não sobre datas e bata-
lhas, mas acerca de suas possibilidades e dos seus limites.

O empreendimento do historiador envolve, de agora em diante, o
filósofo e vice-versa. “A filosofia faz constantemente apelo à história.”⁴
A sabedoria filosófica vai encontrar na história respaldo para as suas
verdades, recorrendo a essa última como fiadora de seu poder espiritual.
Ao passo que os séculos avançam, mais a necessidade de justificar o
empreendimento intelectual em sua utilidade se faz presente. O conheci-
mento histórico, de sua parte, encontra na filosofia os instrumentos de
exposição e de reflexão capazes de lhe assegurarem a coesão do discurso
e a posição crítica frente ao maravilhoso, aqui entendido como elemento
constitutivo de narrativas históricas que abraçam o improvável e o sobre-
natural como auxiliares explicativos. Escrever a história é entender sua

³ VOLTAIRE, À Jacob Vernet, 01/06/1744, in: *Correspondance* (vol. II). Paris: Gallimard, 1977, p. 873. (Bibliothèque de la Pléiade).

⁴ DAGEN, J., *L'Histoire de l'Esprit Humain dans la Pensée Française de Fontenelle a Condorcet*, Paris: Klincksieck, 1977, p. 317.

lição e dá-la a conhecer aos homens, para que possam dela se servir. A humanidade representa o conceito unificador, o universal que, ao mesmo tempo em que é investigado, garante a coerência necessária ao discurso sobre a história. Se a história é um campo de investigação, a filosofia lhe determina a abordagem: trata-se de desacreditar os comportamentos absurdos, os raciocínios estúpidos que justificaram as piores crueldades. Desse modo, far-se-á a história do espírito humano, de seus progressos e de suas estagnações. Quanto à história dos reis, dos conquistadores e dos povos, em suma, dos acontecimentos que transformam ou perturbam o mundo, ela só poderá ser objeto do filósofo na medida em que não se limitar apenas à cronologia; o saber estéril, obra dos olhos e da memória, não passa de conhecimento puramente convencional ao permanecer encerrado em seus estreitos limites, mas, nas mãos do homem que faz pensar, ele pode se tornar o primeiro de todos. O sábio estuda o universo humano com a paciência, a circunspeção e o controle do preconceito – elementos que ampliam os conhecimentos. Ele segue os homens em suas paixões como a natureza em seus procedimentos; observa, aproxima, compara, soma suas observações às dos séculos anteriores, para extrair desse conjunto os princípios que devem iluminá-lo em seus estudos ou guiá-lo em suas ações. “Vede que tudo vem tarde; foi necessário passar pelas trevas da ignorância e da mentira antes de retornar ao vosso palácio de luz, do qual eu e vós havíamos sido expulsos durante tantos séculos.”⁵

O escopo é mostrar, a seguir, que os aspectos metodológicos e de concepção se entrelaçam para a recusa da teologia como matriz explicativa da história. Se o teólogo possui um ponto de vista sobre o homem, que o orienta em sua interpretação, o historiador-filósofo deve contrapor-se a esta, reputando-a como infância indesejável do pensamento. Com o recurso à filosofia, Voltaire pretende estabelecer uma ideia de humanidade compatível com a de seus progressos, pois somente o filósofo é capaz da autonomia de pensamento necessária para identificá-los na história.

As sociedades conseguem, com o tempo, retificar suas ideias; os homens aprendem a pensar. Pensou-se menos em recolher uma enorme multidão de fatos eclipsando-se uns aos outros, do que agrupar os principais e os mais reconhecidos para servirem de guia ao leitor, e fazê-lo julgar, por si mesmo, a extinção, o renascimento e os progressos do espírito humano, reconhecendo os povos pelos próprios usos e costumes desses povos.⁶

⁵ VOLTAIRE, *Éloge Historique de la Raison*, in: *Œuvres Complètes* (vol. 21), Paris: Garnier Frères, 1879, p. 516.

⁶ VOLTAIRE, *Remarques pour Servir de Supplément à l'Essai sur les Mœurs* (Troisième Remarque), in: *Essai sur les Mœurs*, Paris: Garnier, 1963, p.906 (T. II).

Quando se estuda o passado, é somente para nele encontrar os elementos importantes para a inclusão dos homens atuais na história, através da consciência de que se vale mais hoje do que nos tempos remotos: “Paris, Londres, Constantinopla, o grande Cairo, Amsterdã, Hamburgo, não existiam. Havia trezentas nações entre os Gauleses; porém, trezentas nações não valem a nossa, nem em número de homens, nem em indústria”⁷. Repetir, por exemplo, os antigos, é negligenciar a história do progresso do espírito, é não ver que a atualidade comporta outras variantes capazes de nos serem mais úteis. “Discutir a história antiga,” pondera Voltaire,

parece-me o compilar algumas verdades com milhares de mentiras. Essa história é, quiçá, útil da mesma maneira como são as fábulas: por meio dos grandes acontecimentos que fazem a matéria perpétua de nossos quadros, de nossos poemas, de nossas conversações, e dos quais tiramos traços de moral. É preciso saber das explorações de Alexandre, como sabemos dos trabalhos de Hércules. Enfim, essa história antiga me parece, com respeito à moderna, o que são as velhas medalhas em comparação às moedas correntes; as primeiras permanecem nos gabinetes; as segundas circulam no universo, para o comércio dos homens.⁸

Voltaire submete tudo o que é passado à sua crítica; ele concebe o conjunto do desenvolvimento histórico de acordo com um ponto de vista absoluto: quanto mais nos distanciamos, mais verificamos que uma indefinição toma conta da possibilidade de recomposição do passado; contudo, do que dele ficou, é possível entender a superioridade do tempo hodierno. Justifica-se, então, estarmos em melhores condições de julgar o que nos é mais próximo. “Eu gostaria que começássemos um estudo sério da história, quando ela torna-se verdadeiramente interessante para nós: parece-me que é por volta do fim do século XV.”⁹ Uma série de transformações acontece nesse período e diz respeito diretamente ao homem moderno: a imprensa (e, com ela, o registro menos incerto); os turcos forçam as belas artes a migrarem para a Itália; uma nova religião divide a metade da Europa e a desobriga da obediência ao Papa; e o mundo começa a se interligar pelas Grandes Navegações. Os Tempos Modernos!

⁷ VOLTAIRE, *Nouvelles Considérations sur l’Histoire*, in: *Œuvres Historiques*, Paris: Gallimard, 1957, p. 48. (Bibliothèque de la Pléiade).

⁸ *Ibid.*, p. 49.

⁹ *Ibid.*, p. 44.

Eis a história que todo mundo deve saber. Lá não encontramos nem predições quiméricas, nem oráculos mentirosos, nem falsos milagres, nem fábulas insensatas: tudo ali é verdadeiro, até os pequenos detalhes, dos quais somente os pequenos espíritos muito se preocupam. Tudo nos concerne, tudo é feito para nós.¹⁰

Forma-se uma consciência de que o mundo pertence aos seus habitantes não porque alguma coisa ausente lhes autoriza a assim pensar, mas, ao contrário, tal certeza advém do próprio cenário de um mundo em plena ebulição. Tudo o que se passa entre os homens é, doravante, passível de julgamento pela própria consciência daquele que é alvo de todas as conquistas: “Um homem maduro, que possui ocupações sérias, não repete mais os contos de sua ama-de-leite.”¹¹ A história torna-se uma aliada do esclarecimento das gentes, pois, por seu intermédio, podemos constatar os progressos do espírito humano. Na modernidade, o espírito chegou ao seu amadurecimento; se o encontramos no século XVIII, é porque, em quase duzentos anos de civilização, o desenvolvimento da razão identifica-se com o desenvolvimento histórico. Seu ponto alto: o abandono da condição de tutela exterior, da renúncia a explicar o natural pelo sobrenatural. É o triunfo do espírito racional e, conseqüentemente, o abandono da infância da humanidade. Os homens se tornam, nos Tempos Modernos, capazes de suplantam a referência ao maravilhoso para constituírem-se em senhores de si, qual a criança que abandonou o conforto e o refúgio de sua ama para crescer, tornar-se adulto. A metáfora voltairiana expressa exatamente o ideal das *Luzes* de autonomia e de progresso.

“A incredulidade, lembremo-nos, é o fundamento de toda a sabedoria, segundo Aristóteles. Essa máxima é muito boa para quem lê a história, e, sobretudo, a história antiga.”¹² Voltaire evoca um antigo contra a própria Antiguidade. O *espanto* aristotélico dirige-se para a história como prevenção contra os fatos absurdos, as fábulas, que ofendem o senso mais elementar. As apresentações fabulosas abundam quando se trata de recompor a história antiga: “sabe-se como reina o maravilhoso na história dos gregos.”¹³ Para entender essa posição, é preciso remontar ao próprio conceito voltairiano de história: “a história é a narração de fatos dados por verdadeiros, ao contrário da fábula, que é a narração de fatos dados

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ *Ibid.*, p. 45.

¹² VOLTAIRE, Qu'il faut savoir douter, *Éclaircissements sur l'Histoire de Charles XII*, in: *Œuvres Historiques*, Paris: Gallimard, 1957, p.311. (Bibliothèque de la Pléiade).

¹³ VOLTAIRE, Article “Histoire”. *Dictionnaire Philosophique*.

por falsos”¹⁴. Como nota Crepon¹⁵, essa pode ser uma definição tida por simples; mas somente se permanecermos em sua aparência, pois ela traz consigo o início de uma crítica que terá longo alcance. A “epistemologia voltairiana da história” é indissociável dessa crítica à fábula:

A antiga fábula de Vênus, tal como foi narrada por Hesíodo¹⁶, não será uma alegoria da natureza inteira? As partes da geração tombaram do éter sobre as praias do mar; Vênus nasce dessa espuma preciosa; o seu primeiro nome é aquele do amante da geração: haverá uma imagem mais sensível? Essa Vênus é a deusa da beleza; a beleza deixa de ser amável, se ela marcha sem as Graças; a beleza faz nascer o amor; o amor tem setas que perfuram os corações; traz uma venda que oculta os defeitos daquele a quem se ama. A sabedoria é concebida no cérebro do senhor dos deuses sob o nome de Minerva; a alma do homem é um fogo divino que Minerva mostra a Prometeu, que se serve dele para dar vida ao homem. É impossível não reconhecermos nessas fábulas uma pintura viva da natureza inteira. A maioria das outras fábulas é ou corrupção de antigas histórias, ou o capricho da imaginação¹⁷.

A especulação sobre o movimento ordenado e o nascimento do tempo acha guarida nas fábulas antigas. Ao que tudo indica, chegar à explicação do tempo é desvendar o mundo, a natureza. Esses relatos das origens encontram-se organizados e dispostos em quase todos os poetas, e mesmo entre os primeiros filósofos: “todas as origens dos povos são visivelmente fábulas”¹⁸. Eles são o esforço da imaginação, em seu consórcio com a racionalidade, para fornecer uma explicação do real. Contudo, o mito se perde em sua própria totalização; ele se encontra desdobrado em suas atualizações narrativas e dentro do encadeamento das histórias.

Com isso, o mito cria um segundo tempo e uma segunda natureza. A “pintura viva da natureza”, apoiada em antagonismos, acaba por fornecer uma imagem deformada da própria natureza, pois altera, para lhe conferir um sentido, o natural em sobrenatural. A ilusão possui, sobre as primeiras coletividades, um poder frequentemente mais real do que aquele encontrado na própria realidade; desse modo, as crenças, muitas vezes desprovidas de qualquer fundamento, conseguem determinar os acontecimentos. Todavia, essas crenças representam um primeiro esforço em busca da

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ CRÉPON, M., *op. cit.*, p. 77.

¹⁶ Ver HESÍODO, *Teogonia*, Trad. de J. A. A. Torrano, São Paulo: Iluminuras, 1991.

¹⁷ VOLTAIRE, Article “Fable”. Dictionnaire Philosophique, in: *Œuvres Complètes* (vol. 19), Paris: Garnier Frères, 1879.

¹⁸ VOLTAIRE, Article “Histoire”. Dictionnaire Philosophique.

organização dos homens no tempo, por tal motivo é forçoso retomar essas origens e essas narrativas; o problema está em fixar-se nesse ponto, sem que se percebam as limitações de um trabalho inicial, inábil para evocar por inteiro a razão.

Zombamos dos escudos descidos do céu e de todos os bons talismãs, os quais eram tão livremente ofertados aos homens pelos deuses [...] e de toda essa multidão de célebres tolices que vicejam nos historiadores antigos. [...] Os prodígios, as predições, as provas de fogo, etc., estão, no presente, na mesma categoria dos contos de Heródoto.¹⁹

Fazer história é afastar-se dessa primeira tentativa, mostrando-lhe a pretensão do fantasioso em passar por relato verídico e, ao mesmo tempo, reencontrar, quando é possível fazê-lo, indícios dos fatos realmente integrados nos costumes dos povos antigos. A iniciativa voltairiana de reportar o conceito de história à distinção da fábula não poderia ser diferente, se entendermos que os primeiros fundamentos da história coincidem com as fábulas.

Os primeiros fundamentos de toda a história são as narrativas que os pais fazem aos filhos e transmitidas, em seguida, de uma geração à outra; elas são mais ou menos prováveis em sua origem, quando não chocam o senso comum, e perdem um grau de probabilidade a cada geração. Com o tempo, a fábula cresce e a verdade se perde.²⁰

A fábula está na origem de quase todos os povos:

Os egípcios teriam sido governados por deuses e, em seguida, por semideuses durante muitos séculos; finalmente teriam tido reis durante onze mil trezentos e quarenta anos, sendo que nesse espaço de tempo o sol teria mudado quatro vezes de oriente em ocidente. Os fenícios da época de Alexandre pretendiam ter-se estabelecido em seu país há mais de trinta mil anos; e esses trinta mil anos foram cheios de prodígios, na mesma proporção da cronologia egípcia. [...] Os romanos, tão sérios, não envolveram menos sua história e seus primeiros séculos em fábulas. Esse povo, tão mais recente em comparação aos asiáticos, permaneceu quinhentos anos sem história. Assim, não é surpreendente que Rômulo fosse filho de Marte, que uma loba o tenha amamentado, que tenha marchado com mil homens da aldeia de Roma contra vinte e cinco mil da aldeia dos sabinos, e que tenha virado um deus²¹.

¹⁹ VOLTAIRE, *Nouvelles Considérations sur l'Histoire*, p.46.

²⁰ VOLTAIRE, Article "Histoire". *Dictionnaire Philosophique*.

²¹ *Ibid.*

Se “toda a história é recente”²², qual a vantagem de evocar e discutir um passado de comprovada matriz fabulosa? Em primeiro lugar, Voltaire o faz para denunciar o apego às fantasias transmitidas e assimiladas como história verídica, assim como o pernicioso distanciamento do humano e dos reais problemas a serem enfrentados. Em segundo lugar, a denúncia transforma-se em instrumento de esclarecimento, ou seja, o reportar-se ao passado fabuloso possui o caráter pedagógico da instrução. Uma boa dose de fantasia no mundo dos poemas é desejável e até prazeroso, pois estamos no campo do entretenimento; porém, o mundo histórico dispensa tal recurso, o domínio da história é racional e procura obedecer a parâmetros administrados pelo bom senso, como lembra o personagem de *A defesa de meu tio*: “Meu tio, como eu já disse, amava o maravilhoso e a ficção na poesia; mas, os detestava na história”. Os riscos da importação do recheio da poesia para a história são a inclinação às explicações arbitrárias e a negligência com as coisas profundas e úteis. Prossegue o sobrinho: “Aqui é preciso tirar os homens da ilusão quanto às fábulas com as quais formam ninados durante tantos séculos. Meu tio pesa as probabilidades na balança da razão; ele convoca os leitores ao bom senso [...]”²³. A posição crítica consiste em ajustar o foco à história real, de tal forma que o espaço cedido ao maravilhoso seja alocado em outros setores da experiência humana, que estejam fora do perímetro racional. O tempo presente adquiriu maioria e independência ante o passado, que possui o valor de mostrar o quanto evoluímos e serve à avaliação dos erros cometidos pelos homens, no momento em que querem passar o lendário por verdadeiro. Desses dias de trevas até os dias do reino da razão, a humanidade oscilou bastante entre os dois polos, no entanto, os tempos presentes são altamente propícios a uma verdadeira fase de esclarecimento: “Parece-me que”, diz Voltaire, “se quisermos o aprumo do tempo presente, não devemos passar a vida a nos embevecer com as fábulas antigas.”²⁴ As condições são favoráveis, pois o interesse pela história, indiscutivelmente, se tornará um *affaire* ilustrado e comporá o “espírito da época”; ele, portanto, estará sob o patrocínio da racionalidade filha de um saber fundado na experiência, no aperfeiçoamento das artes e das técnicas e na filosofia. Essa é uma razão letrada, resultado de um longo processo de aperfeiçoamento da cultura e da sociedade. É verdade que os “gregos sabiam muito bem distinguir a história da fábula, e os fatos reais dos contos de Heródoto: assim, seus oradores, nos assuntos sérios, nunca empregavam os discursos dos sofistas

²² *Ibid.*

²³ VOLTAIRE, *La Défense de Mon Oncle* (Cap. IX), in: *Mélanges*, Paris: Gallimard, 1961, p. 1163-1164. (Bibliothèque de la Pléiade).

²⁴ VOLTAIRE, *Remarques sur l'Histoire*, in: *Œuvres Historiques*, Paris: Gallimard, 1957, p. 43. (Bibliothèque de la Pléiade).

nem as imagens dos poetas”²⁵. Entretanto, isso ficava reduzido a um número circunscrito de cérebros e não se tornou a marca de seu tempo, mas tão-somente uma etapa em que o espírito ainda se debatia com as incertezas do mito, tendendo, em muitos casos, a assumi-las.

A história dos tempos anteriores só pode ter sido transmitida de memória, e sabemos como a lembrança das coisas passadas altera-se de geração em geração. Foi unicamente a imaginação que escreveu as primeiras histórias. Não somente cada povo inventou sua própria origem, mas também a do mundo inteiro.²⁶

Só a partir do momento em que o registro se instala pode-se aumentar a confiabilidade na história remota. A história presente goza de maior vantagem porque os registros são muito mais abundantes e confiáveis, e mesmo o historiador conta com outro aparato: o gosto pela verdade conduz a um realismo na história. O historiador moderno não é crédulo que se entusiasma com a beleza ou a singularidade do mito; não é, tampouco, um otimista, pois sabe que o plano histórico é a aplicação não de fábulas ou de mentiras douradas, mas de um trabalho propriamente humano sujeito a um desenvolvimento e não a um desígnio irrevogável. O tempo das fábulas ficou para trás, não foi pelo mito que os homens civilizaram-se, todavia foi combatendo-o que os novos tempos puderam se instalar.

A própria história precisa fazer-se aliada no combate contra a nociva influência fabulosa. Por ter-lhe servido, em várias ocasiões, de cenário ela pode, do mesmo modo, oferecer o repertório dos danos ocasionados pelo crédito à fábula. Com os próprios recursos históricos é possível descobrir o real inimigo e, contra ele, estabelecer uma crítica profunda. Pertence ao historiador esse exame criterioso, essa espécie de genealogia daqueles que foram os maiores núcleos de engano da humanidade.

As mais antigas fábulas, não são elas visivelmente alegóricas? A primeira que conhecemos, em nossa maneira de calcular os tempos, não é aquela referida no capítulo nove do livro [de] *Juízes*²⁷? Foi necessário escolher um rei entre as árvores; a oliveira não quis abandonar os cuidados com seu óleo, nem a figueira aqueles com seus figos, nem a vinha aqueles com seu vinho, nem as outras árvores aqueles com seus frutos; o cardo, que não era bom para nada, foi feito rei, porque tinha espinhos e podia maltratar.²⁸

²⁵ VOLTAIRE, Article “Histoire”. Dictionnaire Philosophique.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ Jz 9, 8-15.

²⁸ VOLTAIRE, Article “Fables”. Dictionnaire Philosophique.

Os egípcios, os gregos, os romanos e os judeus formaram seus mitos e tiveram seus continuadores; importa a Voltaire avaliar sua metamorfose mais influente e mais próxima, isto é, a apropriação, cultivo e transformação daquela tradição pelo cristianismo. Podemos encontrar nas Escrituras um vasto repertório de mitos que nutriram o Ocidente durante séculos. Essa influência precisava ser calculada e revista, mas não simplesmente numa confrontação restrita às incongruências reveladas pela exegese, o que seria infrutífero. A ideia é recompor tal alcance, de forma que se encontrem os seus resquícios nos tempos atuais e combata-os. Não foram apenas os tempos antigos que viram desfilar suas fábulas, lá se encontra apenas a sua gênese.

Os primeiros anais de todas as nações modernas não são menos fabulosos. As coisas prodigiosas e improváveis devem ser relatadas algumas vezes como provas da credulidade humana, elas entram para a história das opiniões e das tolices; mas o campo é muito vasto. [...] Entre nós, [...] um estandarte é trazido do céu por um anjo aos monges de Saint-Denis; um pombo traz uma garrafa de óleo para a igreja de Reims; dois exércitos de serpentes combatem numa guerra formada na Alemanha; um arcebispo de Mogúncia é sitiado e comido por ratos; e, para o cúmulo, tem-se o cuidado de assinalar o ano dessas aventuras. O padre Lenglet²⁹ compila tais impertinências; e os manuais as repetem cem vezes e assim é que se instrui a juventude; e todas essas fadigas entraram na educação dos príncipes.³⁰

No *Filósofo ignorante*, o registro é semelhante:

A história da Igreja de meu país parece aquela de Granos, irmão de Nero e Agripa, e chega a ser mais maravilhosa. Crianças são ressuscitadas; dragões amarrados com uma estola, como coelhos com um cordão; hóstias que sangram após um golpe de faca desferido por um judeu; santos que correm atrás de suas cabeças, depois de terem sido decapitados. Uma das lendas mais corroboradas na história eclesiástica da Alemanha é aquela do bem-aventurado Pedro de Luxemburgo, que, entre os anos 1388 e 89, após sua morte, fez dois mil e quatrocentos milagres e, nos anos seguintes, três mil bem contados; entre os quais se somam somente quarenta e dois mortos ressuscitados. Pergunto se os outros Estados da Europa possuem histórias eclesiásticas tão maravilhosas e tão autênticas. Por toda a parte encontro a mesma sabedoria e a mesma certeza³¹.

²⁹ Nicolas Lenglet (1674-1755).

³⁰ VOLTAIRE, Article "Histoire". Dictionnaire Philosophique.

³¹ VOLTAIRE, Le Philosophe Ignorant (LIV), in: *Mélanges*, Paris: Gallimard, 1961, p.911.(Bibliothèque de la Pléiade).

Os conteúdos aqui narrados só podem ser aceitos como verdadeiros sob a imposição da autoridade, que transforma mentiras agradáveis e coisas mirabolantes em artigos de fé; a mente despreparada e infante assimilará tais lições, acreditando não naquilo que é verdadeiro, mas no que se apresenta como errado e falso ao nosso entendimento. “Em toda a terra, serviu-se da religião para fazer o mal, embora ela tenha sido, apesar disso, instituída para trazer o bem.”³² As consequências foram sempre desastrosas quando a fé impôs-se como reguladora das organizações humanas: não somente ela reinou muito tempo, como impulsionou a tirania aos mais horríveis excessos que a demência humana pôde chegar; e mais o governo se dizia divino, mais ele registrou cenas dignas de reprovação: “quando a religião se junta à guerra, essa mistura é o mais horrível dos flagelos”³³.

Vejo hoje, neste século que é a aurora da razão, renascer ainda algumas cabeças dessa hidra do fanatismo. Parece que seu veneno é menos letal e que suas goelas são menos devoradoras. O sangue não correu pela graça versátil, como escorreu durante muito tempo pelas indulgências plenárias, vendidas no mercado; porém, o monstro subsiste ainda: alguém que busque a verdade corre o risco de ser perseguido. Deve-se ficar ocioso nas trevas? Ou é preciso acender uma chama onde a inveja e a calúnia reacenderão suas tochas? Quanto a mim, acredito que a verdade não deve mais se esconder diante dos monstros, não devemos nos abster do alimento por medo de sermos envenenados.³⁴

O século da Ilustração não espera um triunfo sem luta, nem, tampouco, segundo Voltaire, chegou-se ao definitivo cume da história. De modo oposto a tal expectativa, a sensação é de que as armas racionais estão mais poderosas e a guerra contra o obscurantismo tornou-se mais evidente. Com elas pode-se julgar como, aos poucos, a ignorância foi se instalando e a deformação impregnou o registro histórico:

³² VOLTAIRE, *Essai sur les Mœurs*, p.810 (T II). Anticlerical, Voltaire não deixou de vislumbrar uma religião “saudável e espiritual”, como a dos Quakers: uma religião livre e razoável, como queriam os antitrinitários (ver, por exemplo, VOLTAIRE, *Lettres Philosophiques* [Lettres I, II e VII], in: *Mélanges*, Paris: Gallimard, 1961, p. 1-20. (Bibliothèque de la Pléiade); e mesmo uma religião humanista que estabelecesse uma moral universal e confiasse no poder dos homens de se reconhecerem e se quererem: “É preciso amar as criaturas ternamente; é preciso amar sua pátria, sua mulher, seu pai, seus filhos. É preciso amá-los do mesmo modo que Deus o faz, apesar de nós mesmos” [Lettre XXV, p. 112]. Sobre o tema consultar: POMEAU, R. *La Religion de Voltaire*, Paris: Nizet, 1969.

³³ *Ibid.*

³⁴ VOLTAIRE, *Le Philosophe Ignorant* (LVI), in: *Mélanges*, p. 911-912.

Se, ainda uma vez, em nosso século, que é aquele da razão, publicam-se tais pobreza, imagina-se o que não foi feito nos séculos das fábulas? Se, publicamente, nas maiores capitais, imprimem-se tantas mentiras históricas, quantas absurdidades não se escreverão, obscuramente, em pequenas províncias bárbaras, absurdidades multiplicadas com o tempo pelos copistas, e autorizadas, em seguida, pelos comentários?³⁵

O longo processo de instrução e civilização dos homens não está, portanto, completo: o império fabuloso continua suas investidas para seduzir os homens, mesmo em tempos de Ilustração; tal reino manifesta-se em meio aos historiadores modernos, que reproduzem as incongruências que se arrastam, desde os antigos, nos domínios da história:

Meu tio foi seduzido, em sua juventude, pelo estilo brilhante do discurso de *Bossuet* sobre a *História universal*. Mas, quando ele pôde estudar um pouco a história e os homens, viu que a maior parte dos autores só quisera escrever mentiras agradáveis e maravilhar seus leitores por meio de incríveis aventuras. [...] Meu tio ria quando via *Rollin*³⁶ copiar *Bossuet*, palavra por palavra, e *Bossuet* copiar os antigos [...].³⁷

A cópia dos antigos, de seus exageros e suas imprecisões, acalenta um modo de escrever a história que desfavorece a veracidade dos fatos, e, nesses fatos, a atuação humana encontra-se à mercê da intervenção mítica.

O velho espírito mítico atualiza-se como religião, como religião teológica. “Três coisas influem sem cessar no espírito dos homens: o clima, os governos e a religião; eis a única maneira de explicar o enigma do mundo.”³⁸ Se o clima fustiga os corpos e obriga os homens a se protegerem dos seus excessos, se o governo os oprime e os expõe ao julgo de um pequeno número de poderosos, a religião é a responsável pela justificativa de todos esses pontos. Para tal fim, ela se vale do gosto humano pela magia, pela fantasia que anima o irracional. Nessa especialidade da religião, encontra-se “a fonte de todas as tolices e de todas as perturbações imagináveis; é a mãe do fanatismo e da discórdia civil; é a inimiga do gênero humano”³⁹. Essa inimiga torna-se mais perigosa quando traça um quadro deturpado da condição humana, em vista de um monopólio da

³⁵ VOLTAIRE, *Le Pyrrhonisme de l'Histoire*, in: *Œuvres Complètes* (vol. 27), Paris: Garnier Frères, 1879, p. 296.

³⁶ Charles Rollin (1661-1741), autor de uma *Histoire Ancienne*.

³⁷ VOLTAIRE, *La Défense de Mon Oncle* (Cap. IX), in: *Mélanges*, p. 1163.

³⁸ VOLTAIRE, *Essai sur les Mœurs*, p. 806 (T II).

³⁹ VOLTAIRE, Article “Religion”. *Dictionnaire Philosophique*, in: *Œuvres Complètes* (vol. 19), Paris: Garnier Frères, 1879.

consciência que lhe garante o poder sobre os viventes e as instituições. Mas, por qual motivo deixam-se os homens mais uma vez enganarem-se com a religião? Alcançaremos melhor tão grave problema, se percebermos que a religião joga com dois importantes sentimentos humanos: o medo e a esperança. No caso específico do cristianismo, sua força de sedução reside na promessa de uma vida após a morte e de uma redenção, cujo alvo são os bem-aventurados. Como a lista dos eleitos encontra-se num santuário inacessível, a esperança de poder ali constar compraz ao homem comum:

Não faz muito tempo, um bom e honesto ministro huguenote pregou e escreveu que os condenados teriam um dia sua graça, que era preciso uma proporção entre o pecado e a pena, e que uma falta de momento não pode merecer um castigo infinito. Os sacerdotes, seus confrades, destituíram esse juiz indulgente; e um deles lhe disse: “Meu amigo, como vós, tampouco acredito no inferno eterno; mas é bom que vossa criada, vosso alfaiate, e mesmo vosso procurador nele acreditem”⁴⁰.

As ilusões religiosas acalentam a estupidez e a superstição entre os homens, mas, também, elas comportam várias brechas que são denunciadas pela inteligência dos novos tempos. A diferença incide sobre o novo arsenal que o homem moderno possui para se defender: a filosofia, “muito independente da fé e da revelação”⁴¹, torna-se capaz de levantar, contra a atualização do mito, a sã razão. Essa poderosa arma aponta não somente para a destruição dos mitos religiosos, mas a razão esclarecida volta-se, da mesma forma, contra a servidão da própria filosofia à estrutura do mito, como propõe Voltaire contra Pascal:

Começai, poderíamos dizer ao senhor Pascal, por convencer minha razão; tenho interesse, sem dúvidas, em que haja um Deus; mas se em vosso sistema Deus veio apenas para uns poucos, se o pequeno número de eleitos é tão espantoso, se não posso nada por mim mesmo, diga-me, por favor, qual o interesse em crer em vós? Não teria eu um visível interesse em ser persuadido do contrário? Com que autoridade ousais mostrar-me uma felicidade infinita à qual, de um milhão de homens, apenas um tem o direito de aspirar? Se quiserdes me convencer, façais de outro modo [...]⁴².

⁴⁰ VOLTAIRE, Article “Enfer”. Dictionnaire Philosophique, in: *Œuvres Complètes* (vol. 18), Paris: Garnier Frères, 1878.

⁴¹ VOLTAIRE, Lettres Philosophiques (Lettre XIII), in: *Mélanges*, p. 39.

⁴² VOLTAIRE, Lettres Philosophiques (Lettre XXV), in: *Mélanges*, p. 109.

O convencimento do homem ilustrado comporta, além da lógica, da sã filosofia e do modo independente de conduzir-se, o apoio trazido pela história.

Para a teologia cristã, a história arrasta-se como uma longuíssima espera, a qual será bem-sucedida apenas para alguns. Espera-se que o número desses escolhidos esteja completo para que, desse modo, cheguemos ao fim dos tempos e, por conseguinte, ao fim da história. A grande vitória sobrevirá, efetivamente, fora da história: sair do ciclo do tempo, eis o que tanto anseia o cristão. O futuro está atrelado irremediavelmente a um passado de culpas que ocasionou o decreto divino da salvação de poucos; a história, nessa acepção, é o reino de uma incerteza visível e, ao mesmo tempo, o campo em que o mistério comanda, de fora, os acontecimentos, unindo-os em um significado invisível só compreendido pela fé. O homem cristão deve ocupar-se do presente, porque se o passado, determinado pelo pecado, não pode ser mudado e selou nosso destino, tampouco o nosso futuro, sobre o qual não temos o controle efetivo, pode ser transformado pelo trabalho humano disjunto da graça divina. A história da redenção é uma história em que o futuro não representa verdadeiramente um avanço para a humanidade. Para Voltaire, é tempo de silenciar essa cantilena perniciososa que acompanha os destinos da humanidade:

É preciso, ao invés de lastimar-se, agradecer ao autor da natureza por ter-nos dado esse instinto que nos impulsiona, sem cessar, para o futuro. O tesouro mais precioso do homem é essa esperança que nos ameniza as tristezas, e que nos esboça os prazeres futuros na posse dos prazeres presentes. Se os homens fossem tão miseráveis a ponto de só se ocuparem do presente, ninguém semearia, construiria, plantaria nem proveria; tudo faltaria no meio desse falso gozo⁴³.

Esse comentário acerca de um dos pensamentos de Pascal nos revela outra face da ofensiva voltairiana: se Bossuet representa o exemplo a ser fustigado no exercício de historiador, Pascal é o alvo da crítica à filosofia subordinada à teologia. O pensamento pascalino elimina a possibilidade de uma história concebida como progresso, pois não há a menor garantia de que a corrupção diminua enquanto estivermos fora do alcance da graça, e isso é uma incógnita; nela reside todo o mistério da história. A imobilidade é a melhor posição para aquele que tem fé e submete-se aos ditames providenciais, pois vivemos e viveremos ainda tempos tenebrosos:

Se Jesus Cristo, ao prometer à Igreja que sua verdade e seu espírito repousariam eternamente sobre ela, tivesse, ao mesmo tempo, anun-

⁴³ *Ibid.*, p. 118.

ciado uma sequência de calma e tranquilidade, de verdade e de paz, estaríamos sujeitos a nos espantar ao ver a mentira e o erro aparecerem com tanta insolência.⁴⁴

O certo é que a mentira e a intranquilidade campeiam, junto com outras formas do pecado, e fazem da esperança uma virtude que não reside num esforço propriamente humano, mas depende totalmente de Deus; ela é uma virtude sobrenatural. Unida à fé e à caridade, a esperança compõe o conjunto das virtudes teologais. A designação teologal é suficiente para indicar que Deus intervém imediatamente para especificar essas virtudes em seu objeto, em sua causa e no meio pelo qual nos é dado conhecê-las. As virtudes teologais têm Deus por objeto formal imediato porque, por meio delas, nossa natureza é dirigida e ordenada diretamente para Ele; elas são infundidas na alma pelo próprio Deus; e não chegam à nossa consciência, senão pela via da revelação divina⁴⁵. O mistério resume perfeitamente a perspectiva em que se coloca a história teológica: esperamos por algo que está sempre envolto pelo secreto e pelo insondável, portanto, somente a fé pode nos impulsionar nessa direção intangível que se subordina à Providência e ao seu amor aos peregrinos. A esperança, portanto, não pode ser um ato, mas somente uma virtude infundida. Como a promessa de redenção é condicionada a um decreto oculto de Deus, tudo permanece suspenso, a história permanece um mistério e um abismo se interpõe entre o homem e os planos salvíficos divinos. Assim, a filosofia pascalina busca na teologia os subsídios para compor a sua visão de homem: incapaz de conduzir-se após o pecado, esse homem apresenta-se aos fatos, mas é tragado por uma força irresistível que não lhe deixa nenhum tipo de iniciativa própria e eficaz. Ele progride na ciência do mundo⁴⁶ e o saber oriundo dessa atividade incide diretamente na coletividade; todavia, esse aperfeiçoamento não diz do verdadeiro problema humano, ou seja, sua redenção⁴⁷.

Não há muitas alternativas ao cristão, ou ele crê, ou está fadado ao desespero:

⁴⁴ PASCAL, B., *Projet de Mandement contre l'Apologie pour les Casuistes*, in: *Œuvres Complètes* (I), Paris: Gallimard, 1998, p. 946. (Bibliothèque de la Pléiade). Ver ainda: 1Ts 5, 8; Rm 5, 2-5.

⁴⁵ MICHEL, A., *Vertu -Vertus Théologiques*, in: *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Paris: Letouzey et Ané, 1950.

⁴⁶ PASCAL, B., *Préface sur le Traité du Vide*, in: *Opuscules Philosophiques*, Paris: Hachette, 1980, p. 76.

⁴⁷ PASCAL, B., *Lettre à Fermat*, 10/08/1660, in: *Œuvres Complètes* (II), Paris: Gallimard, 1998, p. 43. (Bibliothèque de la Pléiade).

[...] Um mestre [Jesus] no qual transparece tanta autoridade, mesmo que a sua doutrina pareça obscura, merece de nós a confiança em sua palavra: *ipsum audite* [...] Podereis reconhecer a sua autoridade, ao levardes em conta o respeito a ele demonstrado por Moisés e Elias; ou seja, a lei e os profetas como eu expliquei [...] Não procureis as razões da verdade por ele ensinada: *toute la raison, c'est qu'il a parlé*⁴⁸.

A razão, para os casos dos mistérios religiosos, não é uma boa companheira:

É preciso crer: toda a ordem das coisas humanas está incluída naquela dos decretos divinos. E longe de se imaginar Deus tendo dado a liberdade às criaturas racionais (*raisonnables*) para lhes colocar fora de suas mãos, deve-se pensar o contrário, criando a liberdade, ele se reserva os meios certos para conduzir aonde lhe aprouver⁴⁹.

Não há como querer enxergar, numa história planificada, nenhum tipo de investigação racional, de forma que se estabeleça uma compreensão autônoma. É preciso crer. Tudo é mistério. As duas fórmulas são as pilstras de uma teologia que se interessa pelos acontecimentos humanos e suas consequências. Se no século da razão elas ainda estão de pé, a filosofia de Voltaire fará tudo para colocá-las abaixo. “Nós estamos bem longe de querer descer a esse abismo teológico”⁵⁰, diz Voltaire. As pretensões não vão além do “cuidar do nosso jardim”, isto é, abdicando da investigação acerca do insondável, a racionalidade é capaz, apesar de seus limites, de uma avaliação segura de vários setores da realidade. No que respeita à história, a razão esclarecida é o antídoto contra os preconceitos ali instalados, ao abdicar do prodígio e do inefável como recursos explicativos:

Poderíamos formular [essas] questões e mil outras ainda mais embaraçosas, se os livros dos Judeus fossem, como os outros, uma obra dos homens; mas, sendo de uma natureza inteiramente diferente, eles exigem veneração, e não permitem críticas. [...] Assim, não se admite dúvida sobre a história do povo de Deus; tudo aí é mistério e profecia, porque esse povo é o precursor dos cristãos. Tudo aí é prodígio, porque Deus se encontra à frente dessa nação sagrada; em uma palavra: a história judaica é aquela do próprio Deus, e não tem nada em comum com a

⁴⁸ BOSSUET, “Sermon sur la Soumission due à la Parole de Jésus-Christ”, in: *Sermons* (T. II), Paris: Garnier, s.d., p. 117, 120 e 121.

⁴⁹ BOSSUET. *Traité du Libre Arbitre*, in: *Œuvres Philosophiques de Bossuet*, Paris: Hachette, 1857, p. 217.

⁵⁰ VOLTAIRE, *Le Pyrrhonisme de l’Histoire*, in: *Œuvres Complètes* (vol. 27), Paris: Garnier Frères, 1879, p. 242.

fraca razão de todos os povos do universo. É necessário, quando se lê o Antigo e o Novo Testamento, começar imitando o Padre Canaye⁵¹ [Nada de razão, diz esse sacerdote na *Conversation du marechal d'Hocquincourt*; isso é a verdadeira crença, nada de razão.].⁵²

Definitivamente, a história cristã não é aquela dos homens, ao menos quando os pensamos como agentes. Assim sendo, a razão desses homens não possui plena capacidade, nem para compreender, nem para se posicionar como guia de interpretação. Num século ilustrado, qualquer barreira que se interponha entre o fato e a razão merece a denúncia e o alerta do filósofo. Amigo dos homens, ele propõe, para ocupar o lugar do mistério, o esforço do espírito confirmado em sua universalidade pela consciência de seu aperfeiçoamento. A certeza histórica tem por objeto o trabalho de fazer triunfar uma verdade amadurecida pelos séculos e fruto de uma razão que se quer livre em suas próprias regras, “uma razão que esclarece lenta, mas infalivelmente os homens”⁵³. Com efeito, ao procurar uma coerência para a história e as condições que ela implica, o filósofo não precisará do respaldo de Deus. As relações entre o absoluto – como sinônimo da coerência buscada racionalmente – e o relativo – oriundo da ação livre –, que exprime a história dos homens, não exclui a complexidade. Deus tanto mais é importante quanto mais longe se encontra. Estranho à história, sua interferência significaria a anulação da autonomia. Da mesma forma que o universo se abre ao exame da razão, porque ele já é razão, também a história do homem se abre à explicação sem o recurso ao maravilhoso, porque é animada de uma aspiração racional, a saber, a afirmação do homem como senhor de si e administrador do mundo.

Referências Bibliográficas

- BOSSUET (1857), *Œuvres philosophiques de Bossuet*, Paris: Hachette.
 BOSSUET (s.d.), *Sermons*, Paris: Garnier.
 CRÉPON, M. (2000), La double philosophie de l’histoire de Voltaire in: BINOCHÉ, B.; TINLAND, F. (Org.), *Sens du devenir et pensée de l’histoire au temps des Lumières*, Seyssel: Champ Vallon.
 DAGEN, J. (1977), *L’histoire de l’esprit humain dans la pensée française de Fontenelle a Condorcet*, Paris: Klincksieck.
 HESÍODO (1991), *Teogonia*, Trad. de J. A. A. Torrano, São Paulo: Iluminuras.
 MICHEL, A. (1950), *Dictionnaire de théologie catholique*, Paris: Letouzey et Ané.

⁵¹ Étienne de Canaye (1694-1782), teólogo francês.

⁵² VOLTAIRE, Le Pyrrhonisme de l’Histoire, p. 243.

⁵³ VOLTAIRE, Traité sur la Tolérance (Cap. V), in: *Mélanges*, p. 581.

- PASCAL, B. (1998), *Œuvres complètes*, Paris: Gallimard. (Bibliothèque de la Pléiade).
- POMEAU, R. (1969), *La religion de Voltaire*, Paris: Nizet.
- VOLTAIRE (1963), *Essai sur les mœurs*, Paris: Garnier.
- (1977), *Correspondance*, Paris: Gallimard. (Bibliothèque de la Pléiade).
- (1961), *Mélanges*, Paris: Gallimard. (Bibliothèque de la Pléiade).
- (1879), *Œuvres complètes*, Paris: Garnier Frères.
- (1957), *Œuvres historiques*, Paris: Gallimard. (Bibliothèque de la Pléiade).

RESUMO

O objetivo do trabalho é explicitar, em Voltaire, duas posições importantes quanto à sua reflexão sobre a história: primeiro, vislumbra-se um ângulo explicitamente consagrado à crítica do discurso histórico; segundo, um aspecto ligado à visão da humanidade integrada ao seu progresso. O objetivo principal desdobra-se no interesse em identificar a crítica ao “princípio do maravilhoso” como ponto unificador daquela dupla disposição.

Palavras-chave: Voltaire; fábula; história; humanidade; progresso.

ABSTRACT

TWO POSITIONS CONSIDERING VOLTAIRE’S REFLECTION ON HISTORY

The aim of this work is to explain two important positions considering Voltaire’s reflection on history: first, it is glimpsed an angle explicitly devoted to the criticism of historical discourse, and second, one point connected to the humanity vision integrated to its progress. The main purpose unfolds in the interest in identifying the criticism to “The principle of the wonderful” as an unifying point of that dual position.

Keywords: Voltaire; fable; history; humanity; progress.